

LUIZ DA COSTA PINHEIRO

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva

HISTÓRIA DE
Rosa Branca



(Ou a Filha do Pescador)

Proprietarias Filhas de Jose Bernardo da Silva

Historia de Rosa Branca ou a Filha do Pescador

POR estes versos sabemos
que Deus com a sua mão
acode qualquer um pobre
que estiver em aflicção
trazendo bonança a quem
o ama de coração

Rosa Branca era uma moça
filha de um pescador
pobrezinha como Job
mas que tinha um valor
em beleza e formosura
era um anjo encantador

O pescador era pobre
que não tinha quase nada
pra sustentar a familia
possuia uma jangada
com este meio sustentava
sua familia estimada

Havia um milionário
um potentado profano
em todo Brasil gozava
o nome de soberano
o ente mais orgulhoso
que houve no genero humano

(2)

Era muito orgulhoso
não falava com ninguém
sim, falava com os ricos
que fossem nobres também
um pobre que lhe pedisse
ele não dava um vintém

Chamava-se Alexandrino
esse grande usurário
mandava e era temido
o rico milionário
dizia que a alma dele
era o trono e o salário

Era mais que o govêrno
esse grande soberano
era desembargador
mandava em todo oceano
ele tinha um filho a quem
chamava Vitoriano

Vitoriano era um moço
amavel e inteligente
amava muito a pobreza
que sofria amargamente
praticava a caridade
e vivia honestamente

Deixemos Vitoriano
aquela alma ditosa
failemos em Rosa Branca
aquela Vênus formosa
com a perda do seu pai
como ela ficou saudosa

(3)

Desde muito pequenina
Rosa era melindrosa
muito amável aos pais
dócil e mui carinhosa
das flores mais excelentes
ela era a mais formosa

As moças gostavam dela
por sua gentil beleza
mas sofrendo privação
por sua extrema pobreza
mas muito resignada
sem desejar a riqueza

Certo dia o pai dela
tinha ido para o mar
como sempre costumava
pois vivia de pescar
Rosa ficando chorando
a mãe foi lhe acalentar

D. Helena a mãe dela
muito sentida abraçou-a
--Porque choras, minha filha?
D. Helena interrogou-a
ceitada da minha filha
parece que não está boa!

--Nada sinto, mamãezinha
apenas uma tristeza
que atormenta minh'alma
com profunda estranheza
é cousa que acontece
pode contar com certeza

[4)

—Não é nada, minha filha
é porque você passa mal
ou ilusão de fraqueza
pois é muito natural
e se desvaneça disse
que há de vê o final

D, Helena foi à despensa
quebrou dois ovos e bateu
com adubos saborosos
e Rosa Branca comeu
depois de alimentar-se
deitou-se e adormeceu

Dormindo ela sonhou
com o mar muito sanhudo
as ondas encarapitadas
querendo consumir tudo
apareceu-lhe um moço
que lhe falou bem sizado:

—Vamos ali, Rosa Branca
uma distração no mar?
disse ela: não senhor
não posso lhe acompanhar
sou uma moça donzela
conheço bem meu lugar

Diz o moço: vamos, Rosa
eu também sou inocente
a nuvem da negra treva
nunca veio à minha mente
tu és virgem como as flôres
eu também sou excelente

(5)

Diz ela: como iremos
se não temos embarcação?
disse ele: não precisa
eu te levo em minha mão
nada te ofenderá
com a minha proteção

Levou Rosa nos braços
ela com receio e medo
a moça pisava água
como em cima do rochedo
para mostrar no abismo
o mais funesto segredo

Quando chegaram num alto
ela viu uma jangada
sobre a face do abismo
porém toda naufragada
uma criatura morta
em sangue vivo banhada

—Que criatura é aquela?
ela ali interrogou
o moço disse: é teu pai
que agora se acabou
pois uma fera marítima
sua vida liquidou

Ela soltou um gemido
com profunda compaixão
naquela hora o pai
apertou-lhe bem a mão
ela conhecendo o pai
chorando tomou a benção

(6)

-Deus te abençoe, minha filha
anjo que tanto adorei
foram felizes os dias
que ao teu lado passei
parece que foram sonhos
que perdi quando acordei

-Por ti levarei minh'alma
extremecida de pena
uma fera devorou-me
volta que já viste a cena
e dá adeus que eu mando
a minha querida Helena

-Volta, vai orar por mim
que de oração eu preciso
em prova de lealdade
venho te dar um aviso
no mais aceita, um adeus
até dia de juízo

Ela despertou do sono
com o sonho interpretado
e disse a mãe que o pai
tinha morrido afogado
afinal contou-lhe o sonho
como ela tinha sonhado

Chorava amargosamente
em triste pranto e saudosa
dona Helena consolava
sua filha extremosa
dizendo: o que você tem
que não era tão nervosa?

(7)

A mãe bota ela no colo
começou acariciar
pondo a mão sobre os lábios
de quando em vez a beijar
dizendo: teu pai não tarda
com peixe para o jantar

A mãe deixou-a chorando
suspirando ali de pena
achando muito difícil
ser um erro aquela cena
quando dentro da alcova
ouviu chamar: oh! Helena!

Ela impressionou-se
com aquilo no sentido
conheceu perfeitamente
a fala do seu marido
pra não afligir a filha
não fez o menor alarido

Mais tarde chegou a noticia
que ele tinha morrido
acharam a jangada, e ele
tinha desaparecido
até o samburá de peixe
a fera tinha partido

A moça quase que morre
pelo fato que se deu
delirava noite e dia
uma semana não comeu
pelos milagres dos santos
ela não enlouqueceu

Chorava D. Helena
 mais sua filha desditosa
 coberta toda de luto
 ficou ainda mais formosa
 foi bem empregado o nome
 que deram a ela de Rosa

D. Helena, coitada
 trabalhava noite e dia
 lavando roupa de ganho
 nessa miséria vivia
 sem terem mais o auxilio
 que tinham da pescaria

As vezes Rosa dizia:
 ó Deus, que sorte tão misca.
 outrora nós só comíamos
 os peixes gordos da risca
 hoje dou graças a Deus
 quando me dão uma isca!

A velha também dizia;
 não há sorte tão mesquinha
 já comi cangula gordo
 arabatanha e tainha
 hoje dou graças a Deus
 quando me dão uma espinha

D. Helena durou pouco
 no trabalho adoeceu
 apanhou uma moléstia
 que dessa mesma morreu
 ficou Rosa Branca só
 no pobre ranchinho seu

Rosa era curiosa
 bordava e fazia renda
 ela com as suas amigas
 faziam alguma encomenda
 o dinheiro que ganhava
 só dava para a merenda

Porque o ganho de mulher
 é um ganho resumido
 apenas de ano em ano
 ela comprava um vestido
 mas quando comprava um
 o outro estava rompido

Um dia as amigas dela
 foram com ela passear
 nae praias das meigas dunas
 vê o mais belo do mar
 recreio onde os amantes
 vão o amor consagrar

Rosa Branca foi vestir
 o seu vestido de chita
 naquelas mimosas tranças
 ela botou uma fita
 suas amigas disseram:
 só tu menina, és bonita!

Caminharam as belas flôres
 com o anjo de beleza
 iam ali meditando
 o mistério da natureza
 da força e poder ao homem
 só as mulheres fraqueza

Neste mar forte e bravo
foi que meu pai se acabou
sufocada ali em pranto
não pôde calar, chorou
de seus olhos primorosos
muito pranto derramou

--Porque choras? perguntou
Francisquinha de Abreu,
disse: choro por meu pai
que neste abismo morreu
-Oh! meu Deus, foi 1 tesouro
que esta infeliz perdeu!

—Papai era muito bom
talvez o melhor esposo
para mim e a mamãe
era um anjo carinhoso
nunca deu desgosto a nós
era um homem caprichoso

—Eu vivia como uma santa
que se bota num altar
fosse lá que hora fosse
quando chegava do mar
abraçava-se com minha mãe
e ia comigo brincar

Na minha vida infantil
à noite quando chegava
chegava na minha rede
os meus paninhos mudava
de forma que a mamãe
para tal nunca chamava

—Eu era a flor mimosa
nascida no mês de abril
não me faltava orvalho
ou o sereno gentil
hoje além do jardim
murchinha sem o hostil

—Sou a pobre flor que geme
sonhando com o seu galho
gemendo abandonada
murchinha sem o orvalho
levada pelo tufão
sem encontrar agasalho

De vez em quando ela olhava
para o meio do oceano
para ver se via o pai
tinha na mente um engano
quando menos esperava
encontrou Vitoriano.

—Bom dia, disse o rapaz
porem muito admirado
vendo ali Rosa Branca
ficou de amor encantado
pensando que era um anjo
que do céu tinha baixado

Apeou-se do cavalo
para estriar a sela
pasmado com Rosa Branca
sem tirar os olhos dela
dizendo: de onde veio
uma jovem assim tão bela?

Apertou a mão de todos
 porém todo comovido
 ela nunca o tinha visto
 era seu desconhecido
 toda beleza da moça
 ele gravou no sentido

Rosa Branca comovida
 também para ele olhou
 disse consigo: meu anjo
 só sendo Deus que mandou;
 a beleza do rapaz
 ela no peito guardou

Dizia Vitoriano
 na mais ardente paixão:
 vinde, vinde anjo querido
 entras no meu coração
 só nasceste para mim
 e mais para outro, não

Ela também contemplava
 com amor puro e perfeito
 dizia: meu bem, vem cá
 entra dentro de meu peito
 pois nasceste para mim
 só o teu amor aceite

—Moça, quem é a senhora?
 perguntou Vitoriano
 —Sou filha dum pescador
 que morreu no oceano
 do dia da sua morte
 hoje completa um ano

Eu me chamo Rosa Branca
 a sua serva e criada
 sou órfã de pai e mãe
 possuo a vida e mais nada
 flor murcha que não tem mais
 sereno da madrugada

—Aonde a senhora mora?
 perguntou com confiança?
 disse ela: em Praia Bela
 na rua da Esperança
 lá eu moro num ranchinho
 onde a pobreza não cansa

Ele disse: porque desejo
 com a senhora falar;
 ela disse: sim senhor;
 sem de nada recear
 porém o nome do rapaz
 ela temeu perguntar

Despediu-se e foi embora
 no mais profundo destino
 Rosa perguntou as outras
 quem era aquele menino
 disseram: é filho querido
 do doutor Alexandrino

—E' um moço muito rico
 nasceu dentro da riqueza
 mas não é como o pai dele
 que só olha a avareza
 diz que tem aquele filho
 para casar com princesa

—O doutor Alexandrino
é homem de ação mesquinha
não quer que o filho se case
com moça assim pobrezinha
diz que tem aquele filho
para casar com rainha

—Que negócio quer contigo
que te deseja falar?
Rosa, tu tomas cuidado
não vais te facilitar
não te iludas com ele
ele quer te enganar

—Não sensure mal do moço
que é muito delicado
pois sensurar mal dos outros
é um horrendo pecado
talvez seja algum negócio
tão longe de namorado!

No outro dia cedinho
Vitoriano chegou
com profunda alegria
Rosa o cumprimentou
botou um simples banquinho
e o rapaz se sentou

—Moça, eu não venho aqui
a senhora visitar
nem venho com fingimento
com instinto de enganar
venho somente saber
se quer comigo casar

—Ave-Maria, seu moço!
como o senhor é assim?
vir aqui até meu rancho
só para mangar de mim?
disse ele: não senhora
só se eu fosse ruim

—Ruim não, senhor moço
mas olhe o meu estado
sou órfã de pai e mãe
não tenho ouro nem gado
vivo comendo de esmola
não terá bom resultado

Respondeu Vitoriano:
não olho sua pobreza
nem há dinheiro que pague
sua sublime beleza
só quero que a senhora
me tenha amor e firmeza

—Tenho dinheiro sem conta
tanto se possa gastar
diga com sinceridade
se quer comigo casar;
sorrindo diz ela: quere;
depois se pôs a chorar

—Porque choras, dona Rosa?
já estás arrependida?
disse ela: não senhor
olhe que sou desvalida
seu pai se acaso souber
deseja tirar-me a vida

[16)

—Pois o senhor como é rico
mais tarde pode deixar-me
e amar a outra rica
e sem dó abandonar-me
prefiro antes morrer
que o senhor desprezar-me.

—Em prova de lealdade
eu vou te dar este anel
juro por ti, minha amada
como não sou infiel;
ela não tinha o que dar,
deu seu nome num papel

—Sou a tua Rosa Branca
grande vítima da pobreza
que consagra no seu peito
puro amor e firmeza
só tu, meu anjo querido
gozarás esta beleza

—Peço-te honrado amante
guardar minha honestidade;
—Não tenha receio disto
que não uso falsidade
sou um rapaz muito honrado
detesto a perversidade

Sorrindo beijou-lhe os lábios
dando-lhe mais dois anéis
o custo das duas jóias
foram dez contos de réis
deu-lhe uns versos de amor
escritos em bons papéis

(17)

Amo-te gentil donzela
dentro do meu coração
só tu neste mundo podes
terminar esta paixão

Botou a roseira a flor
meu coração a saudade
meu bem, por tua amizade
só falto morrer de amor

Desejo casar contigo
com a pura lealdade
para acabar a saudade
que põe-me a vida em perigo

Se acaso a desventura
surgir com forte rancor
abraçarei a sorte dura
por causa do teu amor

Rosa Branca, só a ti
neste mundo eu quero bem
amo-te e a mais ninguém
desde a hora que te vi

VITORIANO

Recebeu as poesias
leu com toda atenção
já conservava por ele

a mais ardente paixão
a imagem da amante
estava no coração

Deu mais dez contos de réis
dinheiro forte e legal
tendo no mesmo dinheiro
a coroa imperial
disse: coma, heba e luxe
não quero que passe mal

Tornou apertar lhe a mão
com reverência beijou-a
dizendo: prenda querida
não ame outra pessoa!
diz ela: só tua imagem
para mim é santa e boa

—E's o meu primeiro amor
nunca amei a ninguém
podes ficar descansado
quando estiver mui além
com relação ao namoro
só a ti eu quero bem

Foi embora suspirando
quase louco só por ela
Rosa ficou meditando
que sorte seria a dela
quando a alma é tenente
não dorme, vigia e vela

Ele então receava
o doutor Alexandrino
homem muito orgulhoso

malvado, vil e ferino
talvez da pessoa dele
fôsse o mesmo assassino

Vitoriano comprou
um muito belo sobrado
todo repleto de móveis
estava bem mobiliado
deu de presente a Rosa
com o papel registrado

Na frente desse sobrado
tinha um ótimo jardim
acatifado de flores
que não havia outro assim
dizendo: este é de Rosa
o meu anjo querubim

Foi a uma casa de móveis
comprou um rico piano
um espelho de cristal
que era o mais soberano
não havia amor tão puro
como o de Vitoriano

Pagou a uns carreteiros
mandou deixar no sobrado
em cima daquele móvel
o nome dela gravado
escrito com letras de ouro
muito bem caligrafado

Rosa era poetisa
uma modinha escreveu
narrando seu grande amor

cõm atençaõ ele leu
na loucura do amor
todo se estremeceu

Modinha de Rosa Branca

Anjo do meu coração
se vives aflito, descansa
tenha em Deus confiança
que hei de te dar a mão

Vês que sou uma pobre
que possui somente a vida
tua imagem querida
ama-me sem eu ser nobre

Consagro-te minha amizade
és o meu prídeiro amor
por ti esta pobre flor
vive morta de saudade

Teu pai há de fazer
uma grande inquisição
mas por ti, meu coração
pouco importa morrer

Honrado querido amante
não convém haver demora
tem compaixão de quem chora
sofrendo por ti distante

Tua amante de coração
Rosa Branca

Quando Vitoriano leu
todas frases meditou
ficando tão comovido
com pena dela chorou
ajoelhou-se aos seus pés
pediu-lhe a mão e beijou

Com a maior reverência
deitou-se no colo dela
se ardendo em fogo vivo
acariciava a donzela
pensava que era sonho
quando brincava com ela

Pegou a mão direita dela
tentou querer oscular
mas o sono não deixou
ele a mão dela beijar
passando um chaleira, viu
foi ao pai dele contar

Dormia naquele colo
que cheirava a açucena⁷
tendo outros cheiros suaves
de jasmim e de verbena
era semelhante a um altar
onde se faz a novena

O doutor Alexandrino
cõm isto ficou zangado
disse ao homem chaleira:

(22)

volta, vá dar o recado
se ele não voltar logo
eu vou buscá-lo amarrado

O chaleira era gatuno
tinha roubado um capão
ao passar por uma rua
deram-lhe voz de prisão
esse foi para a cadeia
levando muito facão

Dormia Vitoriano
fazendo um ar de riso
Rosa estava jubilada
qual alma no paraíso
dizia que era um sonho
que estava dando aviso

Dormindo tranquilamente
e acariciando ele
não saciava o destino
em beijar os lábios dele
amor, vida e pensamento
já tinha empregado nele

O jovem também dormia
sem ninguém interromper
dormindo ele sonhou
1 monstro querendo o comer
com os dentes afiados
já em ponto de o morder

(23)

Esfrentava horrivelmente
a ele e sua querida
deixando ela prostrada
já quase morta, sem vida
depois então por um anjo
ela era favorecida

E Rosa observou
o amante se agitar
beijando os meigos lábios
pôs-se baixinho a chorar
ele despertou do sono
sem nada a ela ocultar

—Sonhei com um grande monstro
querendo me devorar
com os dentes aliados
em ponto de me matar
pulava em cima de mim
depois ia te atormentar

Rosa teve desse sonho
a real meditação
disse a ele: é teu pai
que fará inquisição
sobre o nosso casamento
entraremos em questão

—Meu pai pode se oper
querer até me matar
mas de me casar contigo

ele não pode empatar
perderei por teu amor
a vida se precisar

Nisso chegou o pai dele
irado como um dragão
puxou por uma navalha
quis matar o filho, então
tomou a navalha dele
e ele não fez ação

Puxou então um revólver
em Rosa Branca atirou
porém atirou com medo
a ela não alvejou
Vitoriano era forte
a mesma arma tomou

— Meu filho, você não presta
deixe esta desgraçada
foi criada na miséria
e nela vive encerrada
você não casa com ela
eu mostro a esta safada!

Respondeu Vitoriano:
tenha-me mais atenção
o senhor é um homem velho
não tem consideração
arrepenhá se der
nela um pequeno empurrão

— Casar-me-ei com ela
embora que pobrezinha
é pobre, porém não deixo
ela por uma rainha
mais vale uma pobre boa
do que a rica mesquinha

Murmurou o doutor: não casa
porque a mando matar!
o filho então respondeu:
se a vida dela roubar
tem que pagar com a sua
não há quem possa empatar

Saiu o doutor irado
ao filho praguejando
Rosa Branca em delírio
nos braços dele chorando
ele carinhosamente
suas lágrimas enxugando

— Não chores, minha querida
que isto provém da sorte
as consequências da vida
são semelhantes as da morte
uns morrem com vida e luz
e outros sem vida e norte

Entregou as chaves a ela
daquela lindo sobrado
disse: se mude daqui

(26)

para não me dar cuidado
lá tudo tem a favor
o predio está preparado

Rosa mudou-se do rancho
foi morar em um sobrado
lá tinha à sua espera
uma ama e um criado
um copeiro e um jardineiro
que ele tinha mandado

O doutor Alexandrino
consultou o delegado
com o chefe de polícia
narrando todo passado
disseram: é uma desgraça
para um moço potentado!

—Mande chamar o seu filho
e faça declaração
se ele não atender
o ameace a prisão
estamos às suas ordens
para qualquer precisão

Pronto, chegou o rapaz
presente a autoridade

—O que meu pai quer comigo?
perguntou cheio de maldade
disse o doutor: eu agora
vou declarar a verdade

(27)

— Acabe com a amizade
daquela coruja feia
nasceu, criou-se com fome
comendo barro e areia
se não deixá-la de mão
eu lhe mato na cadeia

—Sim senhor, eu como filho
aceitarei o castigo
porem se bolir com ela
com toda franqueza digo
morrerá da mesma forma
não é pai, é inimigo

—Foi ela o primeiro anjo
que neste mundo amei
aquela prenda querida
todo amor consagrei
tanto que se precisar
por ela até morrerei

O doutor disse pecesso:
peste, safado, ruim
você não casa com ela
porque eu mando dar fim!...
rediz ele: não senhor
antes assassine a mim

—Se o senhor der fim a ela
comigo há de se ver
como o meu maior inimigo

a vida tem que perder
morre até a mãe do bispo
se com ela se meter

Diz o chefe de polícia:
prendam logo essa bandida
mandem botar na prisão
e não lhe dê mais comida
pois é só o que merece
para não ser atrevida

— Bandida, não! Seu patifel
Vitoriano entrevistou
deu-lhe uma bofetada
que a dentadura rangiu
como fera assanbada
o delegado partiu

Deu-lhe uma bofetada
da venta saiu espuma
o chefe ainda dormia
ficou os dois numa ruma
ali gritou para o velho:
valente aqui não se apruma

Aí a cousa danou-se
Vitoriano se armou
irado como uma fera
aos inimigos enfrentou
em defesa da amante
matou, feriu e aleijou

Murmurou o velho irado:
sua desgraça é agora!
disse ele: não senhor
está surgindo a melhora
● observou o teatro
que representei agora?

Nessa luta apareceu
dois valentes furriéis
e foram a ele a murros
e ele deu dois ponta-pés
dando somente nos dois
no rolo caíram dez

O chefe e o delegado
levantando-se do chão
disseram para o doutor:
aquele moço é o cão
quase nos mata agora
somente com um bofetão

— E' o diabo quem vai
com ele se importar
quem dormiu como eu dormi
fui feliz ainda acordar
dormindo ainda sonhei
que via o mundo rodar

Murmurou o delegado
ainda cambaleando:
eu dormi quase uma hora

também estava sonhando
que a serra desabava
e via o mundo rodando

O doutor saiu irado
sem nada poder dizer
mandou logo 9 praças
a Rosa Branca prender
dizendo: a traga morta
se não quiser se render

O criado de Rosa Branca
era muito corajoso
quando entrava em luta
só saía criminoso
e namorava a criada
tornou-se mais furioso

Chegou os 9 soldados
guiados por um tenente
quiseram quebrar a porta
o criado gritou na frente
se acaso quebrar a porta
garanto que morre gente

O criado saiu fora
com o revólver na mão
perguntou ao tenente
qual é a sua intenção?
disse ele: entregue as armas
se renda e não faça ação

Pulou em cima do cabra
para o revólver tomar
ele atirou e o tenente
não pôde se desviar
ali mesmo caiu morto
sem nada mais atinar

Quando o tenente caiu
o cabra ficou danado
atirou num matou dois
ali de fogo cerrado!
—Hoje aqui sobra defunto
engulo vivo soldado

Ele detonava a arma
sem dar um só tiro errado
os que não morreram logo
iam jogando no veado
dos 9 só ficou um
para ir dar o recado

Vitoriano sabendo
do que tinha se passado
foi a casa de Rosa Branca
gratificou o criado
deu-lhe dez contos de réis
pela ação que tinha obrado

O doutor Alexandrino
com isso não se contenta
—Dos nove só voltou um

agora mando cinquenta
quem for forte aguentará
quem for podre se arrebenta

Mandou mais 50 praças
e um forte capitão
esse quando estava irado
era mesmo como um leão
no estalar da pipoca
pegava o cabra de mão

Vitoriano se armou
e muniu bem o criado
ficaram de sentinela
fazendo guarda ao sobrado
quando chegou o capitão
com todo reforço armado

Vitoriano saiu
e disse ao capitão:
volte com os seus soldados
não me faça alteração
se acaso se intervir
é grande a revolução

Nestas frases o criado
foi a arma detonando
derrubou o capitão
e mais quatro foi matando
Vitoriano também
de um, de dois derrubando

Eram mesmo que dois lobos
naquele fogo cerrado
ainda mataram quarenta
o moço com o criado
o restinho que ficou
foi em rede carregado

O doutor Alexandrino
comunicou a rainha
essa logo respondeu:
se bolir com a pobrezinha
mando cortar-lhe a cabeça
a sua cabeça é minha

O doutor com a resposta
julgo ser desenganado
nada podia dizer
estava desmoralizado
ainda quis ir morrer
como Judas enforcado

Com o juiz de direito
ele quis formar um plano
com o fim de deserdar
seu filho Vitoriano
porem o juiz lhe disse:
meu amigo, eu não profano

--Dou-lhe dez contos de réis
para o senhor deserdá-lo;
o juiz disse: doutor

eu não hei de desgraçá-lo
me diga: seu coração
é de burro ou de cavalo?

Só faço justiça reta
não me troco por dinheiro
tenho sido advogado
até pelo estrangeiro
porem nunca tinha visto
um coração tão grosseiro

O doutor ficou pecesso
do caso desvanecido
pois tanto que trabalhou
seu trabalho foi perdido
e já com Vitoriano
de casa tinha corrido

Rosa tinha um padrinho
era um italiano
seis vezes milionario
este grande soberano
tinha tres milhões de libras
só no banco americano

Não tinha pai nem irmão
era um rapaz solteiro
terra, gado e criação
possuia no mundo inteiro
porem estava doente
com vela no travesseiro

Vendo então que morria
chamou o tabelião
mandou chamar também Rosa
para assistir a sessão
e os documentos dele
entregaram em sua mão

Então o doutor sabendo
que ela tinha herdado
aquela grande fortuna
ficou tão admirado
e disse morreu pra dar
vida a um desgraçado

Mandou chamar logo o filho
com a maior atenção
ajoelhou-se a seus pés
pediu ao filho perdão
dizendo: Deus te abençoi
filho de meu coração

Meu filho, você perdoi-me
de tanto mal ter obrado
pode casar com a moça
que já é de meu agrado
uma moça como aquela
faz um homem felizardo

Já soube que ela herdou
a fortuna do barão
seis vezes milionário

(36)

terra, gado e criação
e seis milhões de libras
case, não demore não

Vitoriano saiu
sorrindo admirado
dizendo: graças a Deus
meu pai está conformado
vou cuidar do casamento
que já está confirmado

O doutor mais a esposa
foram visitar Rosa,
ela recebeu a todos
sorridente e carinhosa
diz o doutor: nunca vi
uma alma tão bondosa!

Pediu a ela perdão
de ter-lhe atormentado
diz ela: não há porque
o senhor está enganado
há muito que perdoei
não olho mais o passado

Ele deu-lhe uma jóia
no valor de cem mil réis
ela deu-lhe uma que custou
uns cinco contos de réis
dizendo: desta eu preciso
para botar em meus pés

(37)

Doutor, eu fui uma pobre
que nunca tive grandeza
seu filho quis me amar
vendo a minha pobreza
porém Deus me protegeu
agora estou na riqueza

Rosa falava com ele
com grande comportamento
disse: convide seus amigos
pra festa do casamento;
disse ele: é verdade
é bom que tenha andamento

O delegado e o chefe
que contra a eles lutaram
o barão mais a esposa
para a festa os convidaram
e aqueles furriéis
dos ponta-pés que levaram

Rosa mandou fazer
comida para a pobreza
galinha, peru e capão
isto tinha com franqueza
em cada canto da rua
se encontrava uma mesa

Estavam os dois furriéis
comendo em uma tijela
um muito esfameado

engoliu uma moela
como não a mastigou
não quis passar na goela

Uma terça de azeite
deram pra ele beber
ele arregalava os olhos
já em ponto de morrer
deram-lhe um murro nas costas
só assim pôde descer

Enfim disse Rosa Branca;
que tem comida de sobr
galinha peru e cevado
quando, engula depois
mas só for bem masti gado

Deram mais outra notícia
que tinha outro engasgado
Rosa, saiu suspirando
socorrer o desgraçado
chegando lá encontrou o
espumando agoniado

Era o outro furriel
que estava chupando 1 osso
chupando com tanta força
que ele foi sem sobrosso
igualmente as duas pontas
fez grande nó no pescoço

Foram na beira do fogo
e reviraram um tição
deram-lhe tres bofetadas
e mais um grande empurrão
então com esse remedio
o osso saltou no chão

Ficou então comentado
esse caso da moela
quiseram castigar ele
com quinze dias de sela
Rosa Branca não deixou
todos atenderam a ela

Rosa Branca se casou
com seu amante leal
o amor daquele amante
como o dela era igual
invejava a união
daquele nobre casal

Ela passava os dias
destraindo no piano
cantando hinos de amor
junto de Vitoriano
aquele casal não tinha
da falsidade o engano

O doutor mais a esposa
amavam muito a Rosa
tratavam como uma filha

por ser muito carinhosa
daqueles pobres famintos
era uma mãe extremosa

Aconselho a meus amigos
que não devem se interver
com negocios de amores
é louco quem se meter
aquilo que Deus destina
ninguem pode desfazer

O poder é infalivel
porem se curva ao amor
o amor não há quem vença
só ele é vencedor
manda e não é mandado
de tudo é superior

FIM—Juazeiro 29/5/75

A T E N Ç Ã O!

Se O amigo desejar manda fazer seu
Horóscopo porque deseja saber para
que parte deve ir, casamento, viagens
ramos de negócio, profissões numeros,
dias, pedras felizes, épocas desfav
ráveis e todo os acontecimentos que lhe
estão sujeitos durante a sua existência?
Basta mandar a data de nascimento
acompanhada de Cr\$ 40.00 a Tip 3,
Francisco, rua Sta Luzia 263—Juazei-
ro do Norte-Ce Atendemos urgente,
dinheiro deve vir num envelope com o valo-
decisarpo.

1650

Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café São Miguel, dentro do Mercado
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb.

SEVERINO JOSE' DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695 -- Lote 4
Bangu - Rio -- GB

ANTONIÔ EMIDIO DA SILVA

Rua Cel. Estêvão, 1325 — Natal -- R.G.N.

RAIMUNDO OLIVEIRA

Mercado de Ferro Aparador, 26
Belem — Pará